

Brincadeiras Regionais: É possível reconhecer o Outro através delas?

Aline Santos do Nascimento

O projeto foi realizado durante o primeiro semestre de 2015, nas aulas de Educação Física, com xs¹ estudantes do 2º e 3º anos A, B e C da EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, localizada em São Mateus, região da zona leste de São Paulo.

Durante os primeiros encontros com as turmas, tomei como ponto de partida a seguinte questão: Aonde você nasceu? Com as respostas fui mapeando as cidades natais dxs estudantes e, na sequência, as brincadeiras locais que conheciam, realizavam e socializavam entre si. As cidades de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Paraíba e Minas Gerais foram representadas. Além dos brasileiros, os registros mostraram a presença de estudantes estrangeiros, nascidos na Bolívia e Peru. Apesar da presença desses sujeitos, a escola e as aulas de Educação Física não haviam garantido espaços para que a cultura boliviana e peruana fossem tematizadas e investigadas.

Na medida em que xs estudantes iam dizendo sobre as práticas corporais realizadas, notei que as brincadeiras se repetiam, talvez, por estarmos localizados na cidade de São Paulo. Isso gerou algumas dúvidas: se elxs nasceram em cidades e países diferentes, porque estavam a brincar das mesmas coisas? Será que as brincadeiras realizadas aqui em São Paulo são as mesmas realizadas, por exemplo, no Peru? Há diferenças na forma de organização e prática?

Ao realizar o plano de ensino atenta ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e seu Plano Especial de Ação (PEA), onde ambos discutiriam durante o ano questões referentes aos “Direitos Humanos”, escolhi como objeto de estudo da Educação Física as brincadeiras.

O projeto teve como objetivo específico apresentar questões que permeiam os Direitos Humanos e ampliar, discutir, aprofundar, ressignificar e produzir às diversas brincadeiras presentes no Brasil, Peru e Bolívia. As cidades citadas do Brasil foram o nosso ponto de partida. Como pano de fundo estava os seguintes direitos universais²: não discriminar, direito a uma nacionalidade, direito a diversão e direito a educação.

¹ A opção dessa escrita tenciona desconstruir a neutralidade conferida ao masculino (o normal), principalmente nas generalizações e sua aplicação no plural das palavras.

² Retirados da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A prática pedagógica em ação:

As brincadeiras do Brasil

Selecionada a prática corporal brincadeira como objeto de estudo levei para a aula um mapa do Brasil para que xs estudantes pudessem visualizar sua cidade natal e a dxs colegas. A intenção foi oportunizar a identificação das cidades e regiões do país, bem como a distância entre elas.

No final do encontro, entreguei para xs estudantes outro mapa do Brasil, retirado da Revista “Nova Escola³”. Expliquei que iríamos iniciar as pesquisas sobre as brincadeiras típicas das cidades representadas pelo grupo. Caso não soubessem, deveriam pesquisar com os familiares, amigxs, vizinhxs, conhecidxs etc.. O registro deveria conter o nome de uma brincadeira típica das cidades do Rio Grande do Sul, Paraná, Paraíba e Bahia, bem como sua forma de organização e prática.

Com os registros entregues elaborei uma tabela para que pudéssemos organizar coletivamente as vivências práticas. Muitas brincadeiras se repetiam entre as turmas.

ANO	RIO GRANDE DO SUL	PARANÁ	PARAÍBA	BAHIA
2A	<ul style="list-style-type: none">• Esconde-esconde• Soletrando• Escorregador• Taco• Vivo ou morto• Boi de mão• Carrinho de lomba• Coelho sai da toca• Elástico• Pião	<ul style="list-style-type: none">• Caiu na rede é peixe• Esconde-esconde• Vivo ou morto• Coelho sai da toca• Pular corda• Corre cotia• Elástico• Queima congelado• Peteca• Pau-de-fitas• Amarelinha• Carrinho de lomba• Pipa	<ul style="list-style-type: none">• Baleado• Cuscuz• Corrida de saco• Trem maluco• Pipa• Pau de sebo• Pião• Cavalinho marinho• Bambolê• Pular corda• Passa anel• Cabo de guerra	<ul style="list-style-type: none">• Futebol• Dança das cadeiras• Amarelinha• Pião• Peteca• Carnaval baiano• Pipa• Cai no poço• 7 pedras• Boca de forno• Passa anel• Pular corda
2B	<ul style="list-style-type: none">• Esconde-esconde• Vivo ou morto• Amarelinha• Buracão - Bolinha de gude• Coelho sai da toca• Caiu na rede é peixe• Carrinho de lomba• Taco	<ul style="list-style-type: none">• Vivo ou morto• Esconde-esconde• Pedra, papel e tesoura• Olívia• Carrinho de lomba• Taco• Pipa• Elástico	<ul style="list-style-type: none">• Pular corda• Pião• Passa anel• Mímica• Perna de pau• Ciranda• Mãe da rua• Bolinha de gude• Pular corda• Passa anel	<ul style="list-style-type: none">• Pião• Pular corda• Dança das cadeiras• Passarás• Chuta lata• Boca de forno• Boca de forno• Pipa• Pular corda• Bolinha de gude
2C	<ul style="list-style-type: none">• Vivo ou morto• Carrinho de lomba• Caiu na rede é peixe• Coelho sai da toca	<ul style="list-style-type: none">• Mímica• Passa anel• Barra manteiga• Carne crua – Queimada• Esconde-esconde• Amarelinha	<ul style="list-style-type: none">• Boca de forno• Baleado• Pular corda• O grilo• Sorriso milionário	<ul style="list-style-type: none">• Baleado• Boca de forno• Pipa• Pedrinhas• Chicotinho queimado• Passa anel• Dança das cadeiras

³ Esse mapa divide as regiões do Brasil através das brincadeiras regionais. A revista Nova Escola tem em sua página virtual uma reportagem com 40 brincadeiras regionais do Brasil. O conteúdo desta reportagem foi utilizado como material suporte em todo o andamento do projeto. Link disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/brincadeiras-regionais/>>. Acessado em 03/05/2016.

3A	<ul style="list-style-type: none"> • Caiu na rede é peixe • Esconde-esconde • Vivo ou morto • Coelho sai da toca • Boca de forno • Taco • Carrinho de lomba • Senhor ratinho 	<ul style="list-style-type: none"> • Futebol • Boi de mamão • Balança caixão • Queimada • 7 passos • Cata pauzinho • Corrida de saco • Queimada • Amarelinha • Vivo ou morto 	<ul style="list-style-type: none"> • Pular corda • Sete pecados • Peteca • Pipa • Vivo ou morto • Amarelinha • Pega-pega • Boca de forno • Sorriso milionário 	<ul style="list-style-type: none"> • Pipa • Trem maluco • Dança das cadeiras • Pião • Cai no poço • Batata frita • Bobinho • Passa anel • Dança da cadeira • Baleado (queimada)
3B	<ul style="list-style-type: none"> • Carrinho de lomba • Coelho sai da toca • Esconde-esconde • Taco • Bolinha de gude • Vivo ou morto • Carrinho de lomba • Corrida 	<ul style="list-style-type: none"> • Elástico • Pega-pega corrente • Coelho sai da toca • Ciranda • Cabra-cega • Amarelinha • Bolinha de gude • Vídeo game • Pic latinha • Pé-de-garrafa • Vivo ou morto 	<ul style="list-style-type: none"> • Boca de forno • Amarelinha • Pião • Passa anel • Mãe da rua • Saci Pererê • Pau de sebo • Passarás • Pipa • Cantiga de roda • Parlendas • 7 pecados 	<ul style="list-style-type: none"> • Vivo ou morto • Trem maluco • Pipa • Boca de forno • Passa anel • Passarás • Pião • Pular corda • 7 pecados • Barra limpa • Cobra cega • Bolinha de gude
3C	<ul style="list-style-type: none"> • Vivo ou morto • Pega bandeira • Carrinho de Lomba • Esconde-esconde • Bolinha de gude 	<ul style="list-style-type: none"> • Carrinho de rolimã • Morto ou vivo • Pega-pega • Estátua • Caiu na rede é peixe • Rio vermelho • Mímica • Taco • Boneca • Perna de pau 	<ul style="list-style-type: none"> • Boca de Forno • Baleado – Queimada • Cinco Marias • Salada mista • Perna de pau • Passarás • Pular corda • Trevo • Capoeira • Pião • Bambole 	<ul style="list-style-type: none"> • Trem Maluco • Brincadeira de roda • Pedra, Papel e tesoura • Adoleta • Pião • Baleado – Queimada • Boca de forno • Pega-pega • Passa anel • Pique-esconde • Pinhata

Ao vivenciarmos as brincadeiras, conversávamos antes sobre a forma de organização e prática. Em muitos momentos tivemos que reorganizar a brincadeira, tendo em vista as desavenças entre xs estudantes e a tentativa de garantir à participação de todxs que desejassem brincar. A criação fez parte de todo o processo, pois quando a brincadeira perdia a graça – sim a brincadeira perdia a graça – outras possibilidades surgiram. Além disso, é importante frisar que a participação poderia ser brincando, organizando e/ou registrando.

As brincadeiras realizadas foram: coelho sai da toca, amarelinha, elástico, cinco marias, rouba bandeira, corda, mímica e pedra, papel e tesoura.

Vivências práticas das brincadeiras do Brasil

▪ Coelho sai da toca

A turma foi dividida em trios, onde duas pessoas deveriam dar as mãos e as ergueram para fazerem a toca e a terceira ficaria dentro para ser o coelho. Uma pessoa ficou no centro da quadra e sem toca. Durante a vivência ela dizia: "Cada coelho na sua toca", momento em que todxs saíam de suas tocas para entrar em outra. A pessoa que

estava no centro tentava roubar a toca de alguém. Quem perdia a toca ia para ao centro da roda e a brincadeira recomeça.

Os coelhos também podiam ficar parados enquanto as tocas se moviam, nesse caso, a frase a ser dita seria: "Toca procura coelho". Se a criança que estivesse no centro gritasse "terremoto", os coelhos e as tocas deveriam ser trocados.



▪ Amarelinha

Nesta brincadeira distribuí giz para que em grupos, duplas ou individual xs estudantes pudessem desenhar os tipos de amarelinha que elxs conheciam e realizam em diferentes espaços. Foi possível perceber uma variedade de estilos de amarelinhas entre elas: amarelinhas com “céu” e “inferno” escrito em suas extremidades, em formato de casa, sol, caracol, linha, em miniatura entre outros.



▪ Elástico

Na quadra, entreguei um elástico para os grupos formados por três ou mais pessoas. Alguns brincavam na rua coletivamente ou individualmente colocando o elástico entre duas cadeiras, por exemplo. Os pulos deviam ser alternados de acordo com sequência estipulada pelos participantes e também de acordo com a movimentação do elástico, que sobe, desce e cruza. Uma canção, ou até mesmo o cantar de uma palavra, dividida sílaba por sílaba, poderia determinar os movimentos de quem pula.

Entretanto, nem todos tinham o conhecimento dessas canções típicas, desse modo, resolvemos que cada grupo poderia criar uma canção ou apenas elaborar uma sequência de movimentos com o uso do elástico.



▪ **Cinco Marias**

Em uma conversa com a coordenadora pedagógica do ciclo autoral sobre o projeto em ação, ao dizer que iríamos brincar de cinco marias, ela se prontificou a confeccionar junto com sua mãe os saquinhos de pano e arroz, para que pudéssemos brincar.

Além disso, me contou histórias de sua infância, onde sua mãe costurava os saquinhos para as crianças de sua família. Aproveitei a oportunidade e fiz o convite para que sua mãe viesse explicar aos estudantes a brincadeira e como ela confeccionava os saquinhos. Infelizmente, ela não pode comparecer.

Ao vivenciarmos a brincadeira, percebi que os estudantes não sabiam como brincar, então expliquei como eu brincava na infância: *“Eu jogava todas as pedras no chão, pegava uma que seria utilizada para jogar pra cima enquanto pegava as demais, uma de cada vez. Após essa etapa, eu fazia uma ponte com uma mão e jogava a pedra fixa para o alto, passava uma pedra por baixo da ponte e pegava-a junto com a pedra que estava caindo. Há várias etapas e quem deixa a pedra cair perde a vez”*.

Iniciamos a vivência brincando dessa maneira e num segundo momento deixei os estudantes criarem etapas a serem vencidas com as pedrinhas. Por diversos momentos percebi que eles jogavam as pedrinhas tentando atingir outra pessoa ou criavam golzinhos com as mãos e as pedrinhas eram feitas de bola. Durante esse período, algumas pedrinhas rasgaram e tivemos que arrumá-las.

O professor regente da turma do 3º ano A, ao ter contato com a brincadeira, se dispôs a ir brincar com as crianças, pois era a sua brincadeira favorita na infância. Ao brincar com a turma, pode compartilhar as histórias e as diversas maneiras de brincar.



- **Rouba Bandeira**

Antes de iniciarmos as vivências pedi para que xs alunxs registrassem na lousa o que viesse na cabeça quando elxs pensavam na brincadeira rouba bandeira. Após o registro fomos para a quadra e realizamos a brincadeira do jeito que elxs sabiam.

Durante a prática houve muita confusão, pois percebíamos que haviam diversas diferenças relacionadas com a forma de brincar. Através do diálogo e da troca de informações entre xs estudantes tentávamos chegar a um acordo de como iríamos brincar e negociávamos uma forma que pudesse contemplar a participação de todxs. Em alguns momentos a discordância era tamanha que o diálogo não resolvia e a vivência acontecia entre muitas discussões. Chegamos até a elaborar planos e estratégias em pequenos grupos para organizar as funções de cada integrante da equipe.



- **Corda**

As brincadeiras com cordas foram emocionantes, com muitas crianças raladas, mãos doloridas e muitas acrobacias. Na quadra, espalhei inúmeras cordas de diversos tamanhos e xs estudantes ficaram livres para brincarem do que sabiam. Brincadeiras como cobrinha, relógio, balanço com o apoio da trave do gol, pulo de corda individual e coletiva (com diversas antigas) e cabo de guerra fizeram parte do rol de práticas apresentadas e vivenciadas pelas turmas. A brincadeira que mais agradou as crianças foi a escalada.

Com um colchonete no chão, amarramos uma corda na grade da quadra e as crianças subiam e se jogavam no colchonete. Pulavam de frente, deram piruetas e riram, riram muito. A brincadeira ficou melhor ainda quando percebemos que os tênis iguais, entregues pela rede no início do semestre, se misturaram e era preciso identificar. Claro, a confusão estava posta e pelo cheiro, xs estudantes foram pegando seus pares. Resta saber se todos saíram com os pares de tênis correto.



▪ **Mímica**

A brincadeira mímica é bastante realizada pelxs estudantes e quando eu disse que iríamos vivenciá-la, imediatamente a turma se organizou. Com um livro de animais⁴, separaram a turma em dois grandes grupos e iniciaram a brincadeira. Fiquei apenas observando. Quando a brincadeira começou a ficar chata decidimos trocar o livro, alterar os grupos e voltar a brincar.

Uma nova forma de vivência foi uma pessoa escolher um animal e fazer uma mímica. Quem acertasse assumiria sua posição e assim por diante. Também era permitido selecionar um animal que não constava no livro. A imaginação tomou conta e o barulho foi tremendo, gritos e mais gritos para adivinhar a mímica realizada.



▪ **Pedra, papel e tesoura**

⁴ Em cada sala de aula tem uma estante na parede com diversos livros para a socialização entre xs alunxs.

Também conhecida como joquempô, a brincadeira pedra, papel e tesoura muitas vezes é utilizada para saber, por exemplo, quem vai ser o pegador. Há outras formas de fazer essa e outras decisões como 2 ou 1, mão aberta ou mão fechada e cantigas como “minha mãe mandou eu escolher...” entre outras.

Xs estudantes criaram outras formas de utilizar o joquempô. A primeira foi quem ganha no joquempô tenta pisar no pé de seu adversário que tentará se esquivar. Ganha quem conseguir derrubar seu oponente. A movimentação permitida é apenas para frente e para trás. No momento da disputa devem ficar parados.

Outra brincadeira foi corrida joquempô. A turma é dividida em dois grupos que se posicionam no escanteio da quadra. As filas são posicionadas em diagonal. O objetivo é sair de sua fila e chegar na fila oposta. O percurso é pela linha lateral e mediana da quadra. Durante o trajeto, quando um oponente encontra o outro, ambos dizem “combate” e disputam o joquempô. Quem vence continua a corrida e quem perde volta para a sua fila. Imediatamente outra pessoa sai correndo em direção ao oponente que ganhou a disputa.



Lá pelas tantas, assistimos ao filme “Menino Maluquinho” e indaguei o que xs estudantes entendiam por ser criança. Para elxs, ser criança é brincar, ir à escola, se divertir, ser alegre, sorrir e nada. Ao serem questionadxs sobre o que sentiam ao brincar disseram sentir euforia, felicidade, alegria, tédio, medo, desequilíbrio, suor, o coração batendo acelerado, dor, cansaço e sede. Ainda, com a ajuda do filme, descobrimos que muitas brincadeiras que o personagem principal realizava com seus amigos e amigas eram as mesmas ou se aproximavam com aquelas que havíamos vivenciado na escola. Comprendemos que elas podem ser as mesmas ou terem semelhanças, mas em cada cidade, região ou país possuíam suas especificidades.

Diante disso, ampliamos e aprofundamos nossos conhecimentos sobre essa questão com o auxílio de vídeos que apresentavam diversas brincadeiras específicas das

regiões sudeste⁵, nordeste⁶ e sul⁷ do Brasil. Após a apreciação dos vídeos, percebemos as diferenças entre os sotaques, vestimentas, modo de brincar, cultura e o preconceito que determinados sujeitos por serem ou virem de certos lugares sofrem mais do que outros aqui na cidade de São Paulo.

Após a análise das diferenças entre as pessoas presentes nos vídeos, houve uma confusão na turma do 2º ano A, onde xs estudantes diziam ter sofrido preconceito e ficavam magoadxs ao serem chamadxs de vários nomes e apelidos, tais como: orelhudo, baleia encalhada, gorda, baixinha, só tem osso, grilo, palito, macaco branco, gorducho, carne e osso, bruxa do 71, doido, maluca, Ana banana e Tatyelly roubou banana.

Fiquei intrigada e perguntei se elxs sabiam o porquê isso acontecia e a resposta foi que existem três tipos de pessoas. As pessoas que não sofrem nenhum preconceito porque são iguais, as que sofrem preconceito porque são diferentes e aquelas que além de sofrerem preconceito retruca como forma de proteção e resistência. Concluíram que as que mais sofrem preconceito são as pessoas diferentes.

Ao perguntar o que poderíamos fazer para confrontar o preconceito e a ideia negativa da diferença na escola, as respostas foram: bater, chutar, dar soco e devolver. Umx estudante fechou o encontro dizendo que *“se elas machucam a gente, a gente tem que machucar ela”*.

Na aula seguinte com essa turma, levei algumas imagens de crianças brigando na escola e de algumas ensanguentadas após uma briga. Perguntei se eram essas ações que elxs achavam serem as melhores e, para alguns, as imagens eram muito fortes, pois não era desse jeito que entendiam por bater, chutar, dar soco, devolver.

Percebi nesse momento como a forma de agressão entre elxs é camuflada ao ponto de não perceberem que a continuidade dessas ações terá diversos efeitos. Talvez, os mesmos efeitos apresentados pelas imagens que xs chocaram.

Brincadeiras da Bolívia e Peru

Dando sequência as atividades de pesquisas, fomos ao laboratório de informática e pesquisamos através do Google⁸ as brincadeiras típicas realizadas na Bolívia e no Peru.

⁵ Link disponível em: <<https://youtu.be/Hg5S4PTQuDg>>. Acessado em 16/05/2016.

⁶ Link disponível em: <<https://youtu.be/-LxocV2TY10>>. Acessado em 16/05/2016.

⁷ Link disponível em: <<https://youtu.be/-PqcLuQbokw>>. Acessado em 16/05/2016.

⁸ Ferramenta de busca online utilizada pelxs estudantes durante as aulas de informática educativa.



Achei que nesse momento xs estudantes bolivianxs e x peruanx iriam me ajudar trazendo informações das brincadeiras realizadas em seu país de origem, o que não aconteceu. Elxs pouco se interessaram e não realizaram as pesquisas. Durante as vivências iniciais também participaram pouco e sempre que eu tentava uma conversa se esquivavam, saiam, desconversavam e diziam não conhecer as brincadeiras. Eu me via ali falando por elxs, sem saber se estava correta, se era aquilo que elxs, de fato, praticavam, faziam e pensavam sobre a temática estudada.

O objetivo da escolha, baseada no princípio da ancoragem social dos conteúdos⁹, não foi o suficiente para fazer com que, aquelxs alunxs, pudessem ter voz, serem ouvidos e reconhecidos. Esse momento foi muito importante, pois refleti por diversas vezes se estava conseguindo colocar em ação a ancoragem social dos conteúdos ou se estava apenas jogando um foco de luz nas desigualdades que essxs alunxs sofrem, afirmando e fortalecendo-as. Afinal, quais serão os efeitos nos sujeitos da educação?

Após a atividade de registro, montei novamente uma tabela com as informações coletadas pelxs estudantes e após socializa-la com as turmas, voltamos às vivências práticas.

ANO	BOLÍVIA	PERU
2A	<ul style="list-style-type: none"> • Pião de roda • Esconde-esconde • Pega-pega • Amarelinha • Queimada • Pião 	<ul style="list-style-type: none"> • Corrida de saco • Passa anel • Roda-roda • Futebol • Pipa
2B	<ul style="list-style-type: none"> • Pegue a fita • Passa-passa cavaleiro • Pião • Escondite / Escondrecucas / escondido • Jogo da velha • Rolando a lata • Corre corre La Guaraca • Pião na roda 	<ul style="list-style-type: none"> • Pinhão • Rouba Banco • Pega-pega • Peru tonto • Rayela • Cobra cega • Pião

⁹ Atividades de ensino que promovam a análise social, histórica e política das manifestações corporais tomando como partida a prática social. Este conceito é proposto pelo currículo cultural da Educação Física (NEIRA; NUNES, 2009).

2C	<ul style="list-style-type: none"> • Pião • Esconde-esconde • Caça ao tesouro • Palhaço Xuxu 	<ul style="list-style-type: none"> • Estilingue • Baladeira • Corrida Canguru • Rayela 	<ul style="list-style-type: none"> • Rayela • Pião • Coelho sai da toca • Cabra-cega • Jogo da velha
3A	<ul style="list-style-type: none"> • Amarelinha • Perna de pau • Queimada • Tocuxi • Lenço boliviano • Pega-pega 		<ul style="list-style-type: none"> • Pega-pega americano • Mãe da rua • Fugi-fugi • Pião • O "ron ron" do Peru • Amarelinha
3B	<ul style="list-style-type: none"> • Pião • Cavalinho de pau • Pião na roda • Estilingue 		<ul style="list-style-type: none"> • Rayela • Pião
3C	<ul style="list-style-type: none"> • Pião • Corda de saltar • Esconde-esconde 	<ul style="list-style-type: none"> • Las bolitas • Amarelinha • Alerta • Arranca-rabo 	<ul style="list-style-type: none"> • El caballito • Pião • Rayela

Vivências práticas das brincadeiras da Bolívia e Peru

▪ Queimada

A queimada também era uma prática bem conhecida pelos estudantes, o que nos permitiu brincar da queimada tradicional e coração. Na queimada tradicional o grupo foi dividido em dois times, a pessoa que estivesse com a bola deveria arremessá-la tentando acertar (queimar) alguém do outro time. Quem fosse queimado iria para o cemitério, podendo queimar seus adversários e/ou lançar a bola para a sua equipe.

Na queimada coração a turma foi separada em duas equipes. Antes de começar a queimada, cada time decidiu em segredo quem iria ser o "coração" da equipe. O "coração" era a pessoa que não poderia ser queimada e deveria ser protegida.



▪ Capucheta

Para a confecção da capucheta utilizamos folha sulfite, linha, palito de dente e informações descritas no site do Mapa do Brincar¹⁰. Além dos desenhos para enfeitar a capucheta, os estudantes produziram rabiolas e estirante. Foi um movimento bem produtivo, pois foi possível perceber a interação entre todos os envolvidos para que

¹⁰ Link disponível em: <<http://mapadobrinhar.folha.com.br/brincadeiras/pipa/535-capucheta>>. Acessado em 10/06/2016.

todxs pudessem ter suas capuchetas prontas. Aquelxs que tinham maiores habilidades e já sabiam como fazer ajudavam.

Talvez, por nunca terem produzido capuchetas na escola a euforia se fez presente. Afinal, quais práticas são valorizadas em detrimento de tantas outras na escola? Ali estávamos abrindo espaço para o novo, para a artistagem do brincar.

A vivência foi realizada na quadra, pátio e corredor. Além de saírem correndo para fazer a capucheta subir, alguns brincaram de laçar as capuchetas e quando elas rasgavam, pegavam pedras e amarraram na linha para voltar a laçar. Essas brincadeiras são praticadas quando não se tem pipas ou peixinhos. A capucheta também pode ser feitas com sacola plástica e em diversos formatos.



▪ Futebol

Inicialmente, as vivências do futebol todxs iam de encontro à bola e muitxs se machucavam. A brincadeira só parava quando alguém gritava “falta” e/ou pagava a bola com as mãos.

Diante disso, fizemos diversas modificações na quantidade de participantes, local de vivência e distribuição em posições específicas.

Brincadeiras como golzinho, gol a gol, pênalti e bobinho surgiram. As regras foram criadas para que todxs participassem, sem nos importarmos com as habilidades. A intenção era de brincar, colocar a bola no chão, correr e fazer gol. Foi possível registrar a presença de meninos e meninas no mesmo time.



▪ **Pião**

Para as vivências sugeri que xs estudantes que tivessem o artefato trouxessem para a aula a fim de compartilhar com xs colegas. Além disso, confeccionamos nossos piões com material reciclado utilizando uma tampa de garrafa e palito de dente.

Durante a produção, enfeitamos os piões com folha sulfite, cola e lápis de cor. Após a produção vivenciamos a brincadeira em diversos espaços da escola como a sala de aula, pátio e quadra.

Além dos piões de tampa de garrafa, apareceram alguns piões de madeira e beyblades¹¹. Grandes batalhas fizeram parte das aulas.



Durante as vivências, o repórter Gabriel Jareta da revista “Educação” entrou em contato para saber sobre o currículo cultural de Educação Física, pois estava escrevendo sobre práticas pedagógicas em ação. Depois de algumas conversas, um fotógrafo da revista nos visitou e registrou alguns estudantes com seus piões. Após a publicação da reportagem “Cultura do Movimento¹²” na edição de junho/2015, xs estudantes puderam apreciar a revista e foram elogiadxs por toda comunidade escolar. Foi um momento importante, pois xs estudantes perceberam que estão produzindo conhecimento e cultura a todo o momento.



¹¹ Piões de batalha.

¹² JARETA, G. **Cultura do Movimento**. Reportagem. Revista Educação. Ed: Segmento, ano 19, n. 19. Julho, 2015.

Fechamento do projeto

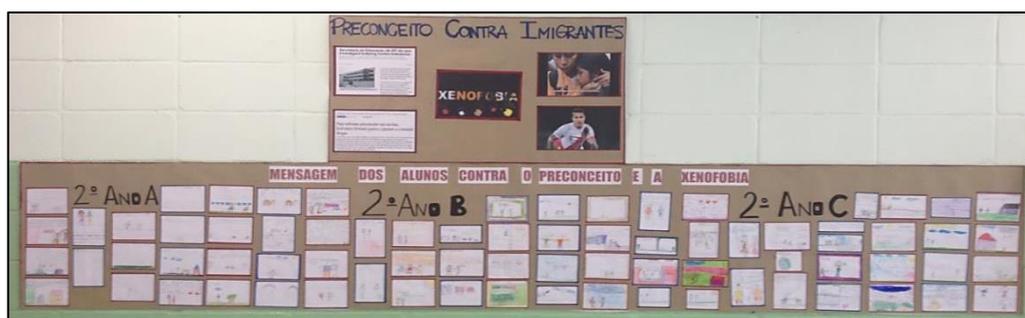
Tendo em vista todas as discussões realizadas ao longo do projeto e as ações preconceituosas praticadas, reforçadas e/ou mal discutidas por mim e por todxs xs estudantes, eu senti a necessidade de voltarmos novamente ao pensamento inicial do projeto: é possível reconhecer e afirmar o Outro através das brincadeiras?

Pensando nisso, para encerrarmos o projeto, elaborei um cartaz com algumas reportagens e imagens. A primeira reportagem relatava os episódios de bullying contra estudantes bolivianos que tinham que pagar pedágio para não apanharem na escola. A segunda mencionava estudantes bolivianos que formavam guetos e utilizavam drogas para se desconectarem da realidade que os oprimiam.

A primeira imagem apresentava dois estudantes bolivianos que sofriam por muito tempo com as agressões dentro da escola. Já a segunda, mostrava o atleta de futebol Paolo Guerrero, peruano, que ao chegar ao Brasil sofreu com os preconceitos da mídia que dizia que ele não valia o que o Corinthians (equipe paulista) pagou. Depois de fazer diversos gols e cair nas graças da torcida, foi reconhecido dentro do país, estando atuando atualmente em outro time brasileiro, o Flamengo (equipe carioca).

Nossa conversa girou em torno de duas questões: você já presenciou isso na escola? Se isso acontecer do seu lado ou com você, qual será sua reação? Essas questões serviram como suporte para pensarmos como nossas concepções sobre o Outro vão sendo construídas e constituídas na escola e nos diversos espaços sociais.

Registramos nossas angústias, posicionamentos e alguns momentos do caminhar do projeto. Com esses registros montamos um banner sobre a importância do combate a xenofobia e ao preconceito contra a diferença na escola e na sociedade atual.



Apesar das vivências, conversas, registros, divulgação, ressignificações, ampliação e aprofundamento dos conhecimentos referentes às brincadeiras realizadas no Brasil, Bolívia e Peru, o projeto deixou claro a necessidade de novas ações pedagógicas

que possam apresentar novos discursos sobre os sujeitos que, por muitas vezes, passam despercebidos dentro da escola ou sofrem calados ao serem negados, silenciados e discriminados.

De certo, não é possível garantir que xs estudantes migrantes e estrangeirxs foram reconhecidos, ficando evidente a necessidade do cuidado e atenção docente para não cair nas armadilhas dos discursos e das ações preconceituosas que marcam a diferença como algo negativo e pejorativo.